

## **FALA DE ANTÔNIO PEDREIRA na missa de celebração dos 50 anos de formatura dos colegas médicos 1965 e homenagem aos colegas já falecidos**

Olá! Companheiros de viagem! Que bom estarmos juntos uma vez mais!

Com essa saudação quero aludir à metáfora que correlaciona a nossa vida a uma viagem de trem (ou quem sabe de um metrô de verdade). Na estação de partida sessenta e um passageiros ingressaram em 1959, e em cada estação, desceram alguns e entraram outros: sós ou acompanhados. A locomotiva, digo; a vida, prossegue para muitos, enquanto outros já tomaram outro rumo.

E por falar em vida, após 50 anos de médico, de quando em vez me vem uma pergunta que certamente ocorre também a alguns de vocês: O que é a vida?

Para nós, médicos parece óbvio que sabemos a resposta, porém, na verdade não sabemos, posto que a vida não é uma pergunta a ser respondida, mas um mistério a ser vivido. Como, ao longo desses 50 anos de exercício profissional aprendemos que a vida é uma doença incurável, desde que nascemos já estamos condenados a morrer. Nenhum dos presentes ou ausentes vai sobreviver à própria vida.

Quero nesse instante lembrar os nomes dos queridos e sempre lembrados companheiros já falecidos, aliás nunca mortos, desde que estão muito vivos na nossa lembrança e em nossos corações. E só se morre quando se é esquecido, eis o nome destes colegas: Eduardinho, Fernandinho, Lira, Horley, Joselita, Osmar, Miriam, Constância, Nilson, Sócrates, Barreira, Menezes, Tarciso. Estes parceiros de viagem apenas partiram antes, deixando em cada um de nós – amigos e parentes – um impacto causado pelas respectivas perdas.

Nunca é demais lembrar que a nossa vida é cheia de perdas que produzem um mal estar diretamente proporcional ao grau de apego e ao vínculo. E por falar em vínculo, a dor e o sofrimento resultantes da perda estão correlacionadas à proximidade, à duração - 55 anos não são 55 dias - ao significado dado a este vínculo, bem como à qualidade e à intensidade dos encontros. Isto pode ser constatado facilmente em qualquer perda de um parente, de um relacionamento amoroso e até mesmo de um emprego. O próprio tempo é que se incumbe de mitigar este processo doloroso.

No transitar pela vida, nos defrontamos com desafios de aceitar o final do ciclo vital, na razão direta das circunstâncias, já que o ser humano é indissociável das suas circunstâncias. Para ilustrar o que foi dito, recorro a um fato histórico ocorrido em 1755 - Terremoto de Lisboa, que causou um abalo sísmico terrível destruindo-a quase que inteiramente através de maremotos, tsunamis, vários terremotos seguidos por incêndios múltiplos, cadáveres espalhados por todos os lados, um caos total! Até um abalo da Fé Cristã provocou em face que nenhuma igreja foi poupada pela providência Divina. Diante do cenário desolador totalmente aturdido sem saber o que fazer - já que o número de cadáveres expostos exalavam um odor pútrido – D. José I recorreu ao seu Conselheiro – Mór - “E agora, o que é que faço?”. Ouviu então os 3 conselhos sábios, que eu costumo recomendar aos meus pacientes que sofreram uma perda incomensuravelmente grande, para também sigam:

1º “Enterre os mortos”. (Convocando todo exército para fazer isso).

2º Cuide dos “vivos”. (Tratem suas doenças que ocorrem em tais circunstâncias para evitar mais mortes).

3º “Abra as portas para as Nações amigas”.

É um fenômeno muito conhecido de defesa egoíca que as pessoas que perdem um ente querido tendam a fazer uma negação, tipo: “*Não acredito!*”, “*Não pode ser verdade!*”. Por isso, é de todo importante lembrar que a única chance que temos na vida de não assistirmos à morte de pessoas queridas é morrendo antes deles. E como a nossa vida é uma experiência única a ser experienciada por cada um de nós, temos mais é que viver bem, enquanto estamos vivos.

Bem, 10 anos após nossa formatura (1975) houve um desafio que quero compartilhar com vocês e trago para reflexão. Uma pesquisa gigantesca realizada nos Estados Unidos com um universo de 20.000 pessoas em que foi formulada uma proposta a ser respondida, por adultos, à seguinte questão: “Que conselhos você daria aos jovens do próximo milênio, para serem mais felizes?”. Após tabulação dos resultados, dentro da especificação de que o conselho deveria ser dado em uma única palavra, e apenas uma, o resultado foi o seguinte:

1º “Viva”.

2º “Ame”.

3º “Aprenda”.

Quero então comentar para vocês, homens e mulheres maduros que tem a vantagem de já terem bastante experiência de vida, e que, certamente concordarão com os meus seguintes comentários.

1º “**Viva**”. Óbvio! Viva em plenitude, o máximo no aqui e agora, desfrutando o mais possível de cada momento que é único e especial e que não voltará mais! Pare de ficar vivendo no futuro ou seja, com pensamentos catastróficos sobre uma futurologia que na maioria das vezes não se concretiza. Sabemos que na fantasia se sofre mais que na realidade. De fato, o medo do parto é pior do que o próprio parto, como também o medo antecipado da 1ª vez de algo temido é pior do que o que tenha acontecido.

2º “**Ame**”. Esta é uma exortação para que cada um de nós ame o que faz, curtindo a sua atuação médica, com carinho e dedicação aos pacientes como todos vocês fizeram e fazem para alcançar o renome que adquiriram. Ame a seus filhos, seus pais, seus parentes o mais possível, relevando as faltas cometidas e pondo afeto a todas as suas ações. Ame seu parceiro, sua parceira em termos qualitativos e quantitativos. Ame viver e ame à vida.

3º “**Aprenda**”. Que delícia foi para nós, aprendermos: Histologia, Embriologia, Bioquímica (Biofísica e Anatomia nem tanto), Farmacologia, Parasitologia, Fisiologia, Patologia, Epidemiologia, Clínica, Propedêutica Terapêutica, etc.

É legal que a gente aprenda sempre uma coisa nova: Informática, uma língua estrangeira, uma habilidade técnica, etc. Recomendo que você aprenda sempre uma coisa nova a cada dia, pois, o aprendizado nos faz evoluir e uma das missões nossas aqui neste plano é evoluir, pois, até as bactérias, plantas e seres irracionais estão evoluindo.

Para concluir esta nossa fala, homenageando também nossos colegas que já concluíram as suas respectivas jornadas, volvemos nossas vistas para estes companheiros de viagem cujo desaparecimento nos enlutou. Entretanto, o prazer de tê-los conhecido e as gratas recordações não podem ser superadas pela dor da perda daquele nosso convívio.

Feliz quem parte deixando **saudade** – que é a presença na ausência, em nossas mentes e em nossos corações. Tais recordações são o único paraíso do qual não somos expulsos. Portanto, VIVAM, AMEM e APRENDAM.

Tenho dito,

Antônio Pedreira.

